

Filosofia africano-brasileira: ancestralidade, encantamento e educação afrorreferenciada*

Filosofía africano-brasileña: ancestralidad,
encantamiento y educación afro-referenciada

African-Brazilian philosophy: ancestry,
enchantment and Afro-referenced education

[Artículos del dossier]

Adilbênia Freire Machado**

Eduardo David de Oliveira***

Fecha de entrega: 28 de septiembre de 2021

Fecha de evaluación: 1 de diciembre de 2021

Fecha de aprobación: 11 de diciembre de 2021

Citar como:

Machado, A. F. y De Oliveira, E. D. (2022). Filosofía africano-brasileira: ancestralidade, encantamento e educação afrorreferenciada. *Cuadernos de Filosofía Latinoamericana*, 43(126). <https://doi.org/10.15332/25005375.7512>



Resumo

Ancestralidade é leitura epistemológica e política da tradição negro-africana recriada no Brasil. Uma categoria analítica com densidade política e epistemológica que se faz no tempo e no espaço e dá origem ao encantamento.

* Este artigo é oriundo da uma comunicação oral apresentada no *VII Artefatos da cultura negra — cosmovisão africana e afrobrasilidades: cultura, religiosidade e educação*.

http://www.urca.br/portal2/wp-content/uploads/docs/pdf/anais_eventos/VII-Artefatos-CNegra-2016-Anais.pdf

** Doutora em Educação (Universidade Federal do Ceará, Brasil). Mestra em Educação (Universidade Federal da Bahia, Brasil). Licenciada e bacharela em Filosofia (Universidade Estadual do Ceará, Brasil). Coordenadora do Eixo Filosofia Africana e Afro-diaspórica da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negr@s. Correio eletrônico: adilmachado@yahoo.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3226-2139>

*** Professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Brasil. Coordenador da linha de pesquisa Cultura e Conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC). Coordenador da Rede Africanidades. Correio eletrônico: afroduda@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6961-7936>

Este é uma experiência que transforma, a partir de si mesmo, numa relação com o coletivo, relação de práxis, pensar-fazer, não separando estética de ética e política de cultura. São conceitos que dão sustentação para que possamos dialogar com as filosofias africanas, produzindo uma filosofia africano-brasileira. Pensar-criar-filosofar-educar em diálogo com todos os saberes, refletindo com base em nossas escrituras, nosso pertencimento, articulando nosso estar-no-mundo subjetivo e coletivo. É relação complexa e criativa com nosso estar-no-mundo. Implicação com educação para a libertação.

Palavras-chave: filosofia africano-brasileira, ancestralidade, encantamento.

Resumen

La ancestralidad es una lectura epistemológica y política de la tradición negra africana recreada en Brasil. Una categoría analítica con densidad política y epistemológica que tiene lugar en el tiempo y el espacio, y da lugar al encantamiento. Se trata de una experiencia que transforma, desde sí misma, en una relación con lo colectivo, relación de praxis, pensar-hacer, sin separar la estética de la ética y la política de la cultura. Estos son conceptos que nos apoyan para que podamos dialogar con las filosofías africanas, produciendo una filosofía afrobrasileña. Pensa-crear-filosofar-educar en diálogo con todos los saberes, reflejando desde nuestros escritos, nuestra pertenencia, articulando nuestro ser-en-el-mundo subjetivo y colectivo. Es una relación compleja y creativa con nuestro ser-en-el-mundo. Implicación con la educación para la liberación.

Palabras clave: filosofía afrobrasileña, ancestralidad, encantamiento.

Abstract

Ancestrality is an epistemological and political reading of the black African tradition recreated in Brazil. An analytical category with political and epistemological density that takes place in time and space, and gives rise to enchantment. It is an experience that transforms, from itself, into a relationship with the collective, a relationship of praxis, thinking-doing, without separating aesthetics from ethics and politics from culture. These are concepts that support us so that we can dialogue with African philosophies, producing an Afro-Brazilian philosophy. Thinking-creating-philosophizing-educating in dialogue with all knowledge, reflecting from our writings, our belonging, articulating our subjective and collective being-in-the-world. It is a complex and creative relationship with our being-in-the-world. Involvement with education for liberation.

Keywords: Afro-Brazilian philosophy, ancestry, enchantment.

Filosofias

Dizem-se muitas mentiras em nome da Filosofia
Com palavras rebuscadas enrolam-se as mentes
Mente-se sobre raças, continentes e pessoas
E sacralizam-se os crimes contra a humanidade

As lutas pela liberdade não são apenas guerras
E nem terminam com o hastear das bandeiras
Lutar pela liberdade é desconstruir mentiras
Consagradas como verdades nas bibliotecas
do mundo

Na nova etapa das nossas lutas
Quebramos as supostas verdades uma a uma
Quebraremos os mitos entre o animal e a raça
Mesmo que o trabalho dure uma eternidade

Somos a esperança e o futuro que se avizinha
Somos a nova semente no ventre do amanhã
Seremos árvore sagrada de raízes seculares
Cujos ramos tangerão o umbigo do infinito

Paulina Chiziane (2018)

Reflexões iniciais: nova semente no ventre do amanhã

Pensamos a filosofia e o filosofar como modos de reflexões críticas contínuos, questionamentos, criações, re-criações, gestações, ressignificações... danças, encantos. Ações contínuas de construir, re-construir, criar desde o nosso chão, nossas raízes, nossas experiências, nosso ser-tão. Sabendo que a sabedoria do ser-tão é sabedoria de um tempo ancestral que permitiu esse presente e permite futuros outros... passados, presentes e futuros tecidos pelo comunitarismo, pela relação com a natureza... É preciso enraizar-se.

Compreendemos a filosofia e o filosofar como amor às sabedorias, aos conhecimentos múltiplos, diversos, com perspectivas de possibilitar mundos encantados, não com perspectivas de “controlar”, colonizar, usar esse conhecimento para justificar “raças” superiores, um gênero superior, culturas superiores que inferiorizam outras, que desumanizam pessoas, que justifica e fortalece o epistemicídio, o racismo, a colonização e a colonialidade que perpassa o nosso tempo do agora. Desse modo, a função da filosofia é criar ou produzir mundos encantados (Oliveira, 2007a; 2007b), posto que não se limita apenas à criação de conceitos, sua função é encantar! Filosofia para descolonizar olhares e entender o conhecimento como sendo tecido, gestado por perspectivas diversas,

pelas sensações de nossos corpos, pois nossos corpos são os forjadores de nossos conhecimentos, saberes, “viveres”.

Filosofar é um ato crítico, ético, estético, político diante do mundo. A filosofia é “um *diálogo* argumentativo. [...] só ganha sentido e significado se for elaborada num contexto de um diálogo intersubjetivo” (Castiano, 2010, p. 41, grifo nosso), um diálogo crítico em que a interação entre as pessoas “deve ser na base tanto de textos escritos como orais”, pois “a existência de textos escritos não é uma razão suficiente para excluir textos orais do debate argumentativo” (Castiano, 2010, p. 41). É uma reflexão radical desde a realidade que não é sólida, mas contingente, pois é movimento! Compreendendo que o saber, o conhecimento está atrelado à existência humana, a nossa capacidade de pensar, sentir... a sabedoria é parte de nós, do existir, ser, viver! Sabedoria deveria ser para tornar o mundo melhor... é fruto de nossas “escrevivências”, pois reescrevemos nossas histórias desde nossos modos de ser, fazer, contar, escrever. Escrever nossas histórias desde nossas vivências, experiências, conhecimentos e saberes. Conceição Evaristo (2017) nos ensina que nada nasce imune ao que somos, às nossas experiências e vivências (2017). Portanto, nossas escrevivências que tecem a reescrita da história do povo negro expressa nossos modos de aprender, contar, ensinar, transmitir a partir de nossas experiências, nossas vivências. É conceito estético, filosófico, histórico, geográfico, literário, metodológico.

Escrevivências que tecem filosofias com base em nossos modos de observar e absorver, aprender e ensinar, em nossas buscas de tornar o mundo um lugar melhor para se viver e conviver coletivamente, pois só existimos em relação e de modo comunitário. Compreendemos que “parte da convicção de que o conhecimento não se constrói no *cogito* [pessoal] [...], mas sim do diálogo com os outros, mesmo que aparentemente estejamos a *cogitar* sozinhos no nosso canto” (Castiano, 2010, p. 44). Filosofia é um ato coletivo, é um baile... Nesse sentido, pensamos:

em filosofia como se ouvisse música. Os conceitos bailam com o mundo e não têm a pretensão de explicá-lo, apenas tiram-no para a dança. A filosofia é um ritmo, ou melhor, entra no ritmo. Neste caso, o tom é dado pela ancestralidade, os significados pela cultura e a experiência pelo contexto. Educar será, então, um processo contínuo de sensibilização e encantamento. Como poderei ser racista ou admitir o racismo se vejo no Outro a dignidade do mistério que nos unifica?; como poderei ser sexista, se o Outro estabelece comigo uma relação de alteridade que, em si mesma, é ética? O combate ao racismo, ao sexismo, à xenofobia não é uma questão apenas de conhecimento; não se resolve apenas

com projetos ou programas estabelecidos pela razão instrumental. É preciso sensibilidade para resolver qualquer questão de atitude. (Oliveira, 2007b, p. 258)

Desse modo, pensamos filosofia a partir da ancestralidade africana que tece e é tecida por práxis de libertação, de re-conhecimento, respeito e acolhimento, de encantamento. É uma dança do coletivo em que todas as singularidades são valorizadas, uma experiência negro-africana no Brasil, configurando-se como um conceito fundante para a ressignificação da cultura africana em nosso país.

Ancestralidade desregrada: árvore sagrada de raízes seculares

Ouçã mais as coisas que os seres.

A voz do fogo se ouve, ouça a voz da água,
escuto no vento o arbusto soluçar,
é o sopro dos ancestrais...

(Birago Diop, *Sopro dos Ancestrais*,
citado por Meijer, 2012)

Quando os povos africanos chegaram ao Brasil, trazidos escravizados, encontraram-se diante de outras realidades, outra(s) cultura(s), num contexto de negação, negatização, invisibilização e violência contra suas culturas de origem, contra suas existências, ou seja, a própria humanidade desse povo. Violências delineadas por uma sociedade perpassada por um capitalismo selvagem, racionalista, racista, fragmentário, fragmentado... tecida por lógicas patriarcais, portanto racista, machista, sexista, epistemicida.

Como modo de sobrevivência, de suas culturas e da própria vida, pois estavam prestes a perder todo o encantamento pelo viver, esses povos buscavam, continuamente, a ressignificação de suas existências, resistindo e re-existindo. Assim, empreenderam diversas recriações, resistências diversas para sobreviverem a esse novo/outro mundo desencantado; modos de sobreviverem à saudade de suas vidas, em que essa “saudade eivada de dor e lembranças de um território de origem motivou a rememoração e a ressemantização de mitos e contos da África, e motivou a emersão de formas variadas de expressão da experiência africana em outros territórios” (Oliveira, 2007b, p. 172). Esse sentimento não os paralisou, desencantou, ao contrário, foi movimento de impulso criativo para novos ou outros modos de re-existências, pois os “negreiros”, “além de uma viagem de dor e tortura, foi [sic] também uma usina de produção de signos e criatividade. [...] Nestas embarcações a saudade tornava-se já um

elemento de reapropriação de uma cultura (experiência) que à força era arrancada dos africanos” (Oliveira, 2007b, p. 172). Essa saudade potencializava o poder de criação, de re-criação desses povos, poder que perpassa o tempo...

Uma dessas criações, desses movimentos de resistência e re-existências, foi o candomblé, que surge como uma alternativa religiosa, política, ética, social no seio daqueles povos (Machado e Matos, 2016), para cuidar e alimentar suas espiritualidades, para construir pequenas Áfricas onde se pudesse alimentar suas raízes, fortalecer seu enraizamento. Portanto, a ancestralidade aparece como feio fundante para essa construção, como conceito filosófico, estético, ético, metodológico de construção dessas comunidades. O enraizamento é movimento de expansão, pois “enraizar-se é deixar-se atravessar pelos corpos-raízes da [cosmopercepção] africana no Brasil [...]. A raiz tem movimento [...]. O enraizamento é flexível, descontínuo e histórico e acontece à medida que a vida vai sendo devorada pelo tempo”, como nos ensina Rebeca Meijer (2012, p. 34). Esse movimento de expansão e profundidade nos remete à relação com passado e futuro desde um presente encantado tecido pela ancestralidade!

A ancestralidade, inicialmente, enquanto conceito, era uma categoria que aparecia como nativa, sobretudo, no espaço dos povos de santo, na capoeira, no samba de roda, no maracatu, entre outros (Oliveira, 2007a). Era uma categoria explicativa do pensar ou fazer dos povos de santo; assim, era considerada “princípio fundamental de organização dos cultos de candomblé” (Oliveira, 2007a, p. 128) e princípio que “arregimenta todos os princípios e valores caros aos povos-de-santo na “dinâmica civilizatória africana” (Oliveira, 2007a, p. 205). Dessa forma regia todos os ritos, assim como as relações sociais no espaço interno e externo ao culto, normatizando e legitimando as relações, não sendo mais “como no início do século XX, uma relação de parentesco consanguíneo, mas o principal elemento da [cosmopercepção] africana no Brasil” (Oliveira, 2007a, p. 205).

Posteriormente, passa a ser “um termo em disputa. [...] nos movimentos negros organizados, nas religiões de matrizes africanas, na academia e até mesmo nas políticas de governo” (Oliveira, 2007b, p. 245). Ou seja, como signo de resistência das pessoas negras brasileiras, ela não mais “se restringe à esfera religiosa e às fronteiras sociais do candomblé” (Oliveira, 2007a, p. 205). Passa a ser uma categoria analítica, sua densidade é levada para outros espaços, é compreendida dentro de um contexto político, de resistência social; assim, ela passa a ser desenvolvida no campo da filosofia (Oliveira, 2007b, 2007a; Machado, 2014; Machado e Matos, 2016) por meio de um diálogo crítico e

criativo, para além das relações consanguíneas, das relações simbólicas existente nos terreiros de candomblé.

Desse modo, “a ancestralidade funciona também como uma ‘bandeira de luta’, uma vez que ela fornece elementos para a afirmação (também criação e invenção) da identidade dos negros de todo o país” (Oliveira, 2007a, p. 128), ganha potência e passa a explicar um maior número de atividades ritualísticas, além de políticas e culturais e fora “alçada à categoria de princípio organizador” ((Oliveira, 2007a, p. 96) de cosmopercepções africanas na diáspora, ou seja, saiu da dimensão apenas religiosa para também agir na militância, no cotidiano, nas políticas de resistências e re-existências de nossos povos. A ancestralidade, então, protagonizará a “construção da identidade do negro no Brasil” e se encontrará na encruzilhada “entre uma perspectiva acadêmica e militante” (Oliveira, 2007a). A ancestralidade passa a ser uma filosofia de práxis e resistência de povos africanos em terras brasileiras.

É conceito, categoria, epistemologia política da tradição negro-africana, que contempla as tradições africanas re-criadas no Brasil, trazendo densidade política e epistemológica para esses povos. É cuidado, responsabilidade, é o jeito Oxum — mãe de cuidar. Cuida-se porque ama, reconhecendo que a existência de cada pessoa não é única, mas comunitária, coletiva, pois vivemos em teia, somos uma grande teia, esta é subjetividade, o desenho do mundo, é cultura, “é um círculo e tem linhas que interligam e sustentam o círculo. Na teia-de-aranha isso é o visível. Nos outros círculos as teias são invisíveis. Invisíveis como as teias da cultura que sustentam e dão forma ao círculo do mundo” (Oliveira, 2007b, p. 82).

Ancestralidade é fonte de pertencimento que tece o chão, lugar, espaço-território regido pelo tempo da natureza, tempo do aprender, do experienciar, amadurecer, encantar-se. Implica o enraizamento que é coletivo, comunitário, fruto de uma cultura, de um chão... Nesse sentido, ancestralidade é regra desregrada, pois é fruto dos movimentos, dos acontecimentos, visto que só há vida em movimento; assim, essas águas que permitem nossa existência têm como efeito o encantamento. Nesse sentido, a filosofia da ancestralidade encanta, possibilitando a criação de mundos encantados... recriação para potencializar a existência no mundo. A filosofia da ancestralidade dá origem à filosofia do encantamento. Contudo, a filosofia da ancestralidade só transforma e produz movimentos de transformação e potencialização da vida quando nos encantamos por ela.

Mundos encantados: mesmo que o trabalho dure uma eternidade

O encantamento é efeito da ancestralidade, a qual não tem regras, pois é potência para o existir; não está presa a imposições, está atrelada às existências diversas, faz e desfaz-se continuamente, potencializa, cria possibilidades, as re-cria quando necessário, implica-se com o bem viver. Desse modo, ao compreender essa regra desregrada que é a ancestralidade, é possível compreender a filosofia do encantamento.

Sabemos que, no seio dos terreiros das religiões de matriz africana, o encantamento é uma experiência efetiva e afetiva; dá-se na sua relação com o entorno, no cuidado de si para potencializar sua força vital, sua energia, seu axé... assim, aumentar ou diminuir essa força dependerá da capacidade de encantar-se e encantar outras pessoas. Daí que essa filosofia resulta da filosofia da ancestralidade, pois, à medida que eu compreendo essa regra desregrada, eu compreendo seus efeitos que se dá no encantamento oriundo das transformações, das interpretações e das ações no mundo. Encantar-se é agir com ética, com cuidado, com responsabilidade e desejo por outros mundos melhores, pelas poéticas de bem viver.

Desse modo, esse encantamento como ação da ancestralidade não é aleatório e sem fundamento, não se dá do nada nem para o nada, tem propósito. Prima pela ética, pelo desejo, partindo do desejo do eu mesmo, em que esse eu se reconhece em contato com o diverso, inclusive os diversos eus. É uma experiência radical, crítica e transformadora, pois nos impele à mudança de nossos atos, no intuito de buscarmos mundos melhores numa relação direta e contínua conosco, com a natureza, com a sociedade, com o coletivo, numa relação com nosso eu mais profundo, eu social, eu vivente (Machado, 2019b).

Daí que esse encantamento nos impulsiona a questionar continuamente nossas ações políticas, sociais, culturais, epistemológicas, nossas ações éticas e do cuidado de si, da comunidade, da natureza. É na relação que somos, que existimos! Isso porque a natureza é o que e quem permite nossa existência, ela é o movimento próprio da vida. A natureza é a ancestralidade que habita em nós e que nos permite ser, como Makota Valdina Pinto ensina:

Ancestralidade pra mim é tudo o que veio antes de mim. Então, a natureza é a minha ancestralidade. [...] E a natureza não foi o [ser humano] que fez, o [ser humano] veio depois, veio depois que toda a natureza foi criada pra dar boa intenção de vida pro [ser humano]. Então, a minha ancestralidade é toda a

natureza que foi criada pela primeira semente viva que iniciou esse mundo. [...] Minha ancestralidade é a natureza. (2017, fonte oral)

A natureza é fonte para que possamos existir e viver bem. Para nós, pessoas encruzilhadas com o pensamento africano, afrorreferenciado, a terra é o nosso alimento, é fonte de vida e criação, de enraizamento. Na relação íntima com a natureza, podemos “aprender/partilhar/ensinar através de experiências condizentes com as referências de matriz africana e as expressões da cultura na diáspora” (Alves, 2015, p. 38). Desse modo, possibilita-se “uma proposta educativa que seja transmitida pelo corpo, pela ancestralidade, pela cultura, pela estética africana e pela tradição oral” (Alves, 2015, p. 38). Assim, dá-se o pensamento afrorreferenciado, a educação afrorreferenciada, ou seja, pelas referências filosóficas, culturais, epistemológicas, espirituais que atravessaram o atlântico com os povos africanos que para cá vieram.

Mãe Stella de Oxóssi nos ensina que a natureza é “os vegetais, minerais, animais, fenômenos naturais (chuva, vento, trovão, relâmpago), a própria terra que pisamos” (Santos, 2010, p. 145). Assim, os fenômenos da natureza são as divindades “que têm vida, inteligência, dão respostas às nossas evocações de maneira surpreendente” (Santos, 2010, p. 145), e o Deus supremo é Ólôrum. A natureza é o ser-tão que há em cada uma de nós. Intimidade com a espiritualidade que nos habita, com nossa ancestralidade. É a liberdade vivida, pois “a liberdade não se expressa. Vive-se” (Chiziane, 2013, p. 29). Assim, ocorre o encantamento tecido pela ancestralidade.

O encantamento oriundo da ancestralidade é um ato de compreender, compreender as outras pessoas e a si mesma, pois a compreensão leva ao afeto, à troca e, assim, ao conhecimento... é fonte, é “possibilidade da criação, antes mesmo de qualquer criatividade” (Oliveira, 2007b, p. 195). Assim, “é infinito em suas possibilidades e realizações” (Oliveira, 2007b, p. 195), apresentando o contexto como o seu único limite. E, para além de tudo isso, é o encantamento, que “dá significado a quem se ocupada dos significantes dos significados: a filosofia” (Oliveira, 2007b, p. 195). Adentra nas entranhas do existir, do sentir e causa vertigem, pois, ao mesmo tempo que produz, é produzido pela vertigem, pelo espanto e pela angústia causados pela efemeridade da vida, posto que na cosmopercepção africana mais vale o existir intensamente do que viver pelo viver. Por isso, encantamo-nos e criamos diversos mundos para sobrevivermos às náuseas causadas pelo viver sem “previsão e controle”, pois:

o mundo que vemos são os olhos que veem [...] e, a pele a cultura recobre com sua tessitura o que chamamos de real; mas o real não é mais que a pele da cultura; a pele da cultura não é mais que um olho que vê e um ouvido que escuta e um corpo que sente... (Oliveira, 2007b, p. 196)

Existir é mais que “um olho que vê e um ouvido que escuta e um corpo que sente”, é o que está para além, são as dobras de cada um desse ver, ouvir, sentir. Talvez o existir seja sem começo e sem fim, seja um círculo aberto para o infinito, o diverso. Existir como vertigem tem a ética como fundamento principal, pois “a ética como relação fundamental de alteridade, tem sua fonte de vertigem — por isso seu critério é o Outro” (Oliveira, 2007b, p. 197). As outras pessoas nos levam ao conhecimento de nós mesmas enquanto as conhecemos; põe-nos diante de nossos medos, anseios, segredos... Só existimos em relação e isso nos permite nos conhecermos, conhecermos as outras pessoas, o mundo, a própria vida em seu movimento.

Portanto, o encantamento é um conceito de práxis que otimiza nossa criticidade e impele à busca constante do discurso aliado à prática. Responsabilidade, criticidade, representatividade, enraizamento, inclusão! Não é apenas um conceito, é mais! É uma experiência, é estético, é pré-racional, oferecendo possibilidades de ser racionalizado; assim, está na ordem da complexidade do real. Encantar-se é ter atitude diante da vida! É potencializar o viver! E é desse encantamento, dessa atitude diante da vida, que nasce a filosofia africana, que chamamos aqui de “filosofia africano-brasileira”, pois temos como referência as sabedorias ancestrais do continente africano em terras brasileiras.

Inconclusões — filosofia africano-brasileira: *cujos ramos tangerão o umbigo do infinito*

Pensar, ser, criar a partir das referências das culturas africanas é construir nossos pensamentos, nossas epistemologias tendo a ancestralidade como o chão que nos sustenta. Ancestralidade crivada de encantamento, pois este é o fundamento e o não fundamento, é a condição para que o acontecimento se concretize. A ancestralidade é quem dá a base, é quem sustenta, é o sentido da existência, da cosmopercepção africana, é a forma, e o encantamento é o seu conteúdo.

Assim, desse encantamento, nasce a filosofia africana, uma filosofia tradicional que traz novidades, pois aprender as novidades das pessoas mais velhas ou antigas é sempre uma sabedoria atualizada. Essa filosofia abre-se para todas as possibilidades, é filosofia do sentido, da alteridade, da diversidade, encara a

diferença como atitude, como uma ética de sentidos e de cuidado. Filosofia que cria e encanta mundos, ressignifica e dá sentidos, é desterritorializada e caracteriza-se fundamentalmente por ser uma ética implicada no cuidado de si, por ser uma filosofia da alteridade, do desejo e do respeito por todas as existências. As filosofias africanas são tecidas pela ética do cuidado (Machado, 2020).

Filosofia africana compreendida como filosofia africano-brasileira, pois não temos o interesse de discorrer apenas sobre uma historiografia da filosofia africana, apresentando suas e seus autoras/es, suas correntes, escolas de pensamentos de vários países daquele continente, suas obras, temas, como se estivéssemos estudando algo alheio, “de fora”. Nosso interesse é dialogar, uma conversa (com-versa) rente à pele: íntima, próxima da realidade africana, negro-africana com nossa realidade latino-americana, desde o Brasil, ou seja, as afrorreferências em solo canarinho, brasileiro.

Um diálogo desde e com as escutas sensíveis de nossa ancestralidade, nosso ser africano fruto da diáspora, reconhecendo suas influências em nosso estar no mundo. Assim, deseja-se um diálogo próximo entre a filosofia latino-americana da libertação e o pensamento africano com suas várias vertentes, inclusive o não acadêmico, pois os saberes tradicionais são fundantes nessa construção, tanto para as diversas epistemologias africanas como para as filosofias da ancestralidade e do encantamento, assim como para as cosmopercepções africanas. Diálogos que reconhecem nossas experiências ancestrais oriundas de histórias resultante dos processos diaspóricos fruto da escravização, diálogos oriundos de nossas escrevivências. Por essa razão, o encantamento é radical, tenso, pois provoca reflexões críticas contínuas exigindo pensamentos e práticas criativas para melhorar nossa realidade, sem separar ética de estética, nem política de cultura. Desse modo, a ancestralidade e o encantamento são frutos de uma geopolítica e uma geocultura, que, no encontro no solo da estética, possibilita compreensões, sínteses, tanto na perspectiva cultural quanto política.

A filosofia do encantamento é uma produção enraizada, própria, não se apresentando como uma mimese de pensamentos de outros continentes, em especial, o europeu; ao contrário, é uma filosofia em diálogo direto, próximo com o continente africano, posto nossa relação carnal, espiritual, rente à pele, ao respirar, em virtude dessa ancestralidade que perpassa nosso existir, nosso pertencimento.

Assim, essa filosofia africano-brasileira é nosso modo próprio de produzir mundos, encantar. Sem mimese, cópias ou pensamentos sem reflexões críticas e distantes de nosso ser no mundo, desde nossas experiências, nosso solo, desde nosso ser-tão (Machado, 2020; 2021).

A filosofia africano-brasileira é nosso diálogo encantado perpassado pela nossa relação ancestral com o continente que fez o Brasil ser o que é... com essa riqueza cultural diversa... com as curvas próprias da beleza de um existir que transforma dor em poesia e movimentos de inclusão em respeito à vida, transformações para mundos melhores!

E o que tudo isso significa para a educação? Pensar e fazer uma educação afrorreferenciada constitui a construção de mundos melhores, tecidos pelo respeito e desejo da diversidade, pelas sabedorias enraizadas em nossas culturas... epistemologias tecidas pelo nosso ser e estar no mundo, políticas de libertação, pois:

a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro. (Hooks, 2019, p. 37)

A ancestralidade é a trilha da liberdade, expansão do nosso eu (coletivo). Conhecimento entendido como ato de amor e este compreendido como “uma combinação de cuidado, compromisso, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança” (Hooks, 2003), pois, para pessoas encantadas por sua ancestralidade, “o ato de conhecer é um ato de amor, o ato de entrar e abraçar a realidade do outro, de permitir que o outro entre e abrace a nossa” (Hooks, 2003). As filosofias africanas são tecidas pelos movimentos de libertação, de transformação da nossa realidade para melhor. O encantamento é a possibilidade dessa transformação!

Portanto, as filosofias africano-brasileiras mediadas pelas filosofias da ancestralidade e do encantamento constituem o educar para a sensibilidade, para transformação, para libertação. Fortalecimento de nosso pertencimento, valorização de nossos saberes, culturas, nosso chão!

Referências

Alves, M. K. F. (2015). *Resistência negra no círculo de cultura sociopoético: pretagogia e produção didática para a implementação da lei 10.639/03 no projuvem urbano*. (dissertação de mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará. https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16658/1/2015_dis_mkfalves.pdf

- Castiano, J. P. (2010). *Referenciais da filosofia africana: em busca da intersubjetivação. Moçambique*. Sociedade Editorial Ndjira, Lta.
- Chiziane, P. (2013) *As andorinhas*. Nandyala.
- Chiziane, P. (2018) *O canto dos escravizados*. Nandyala.
- Evaristo, C. (2017). Destaque: Conceição Evaristo. Entrevista concedida a Ademir Pascale. *Conexão Literatura*, 24. <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2017/06/conceicao-evaristo-destaque-da-nova.html>
- Hooks, B. (2003). De coração para coração: ensinando com amor. Heart to heart: Teaching with love. Em: B. Hooks (org.), *Teaching community: A pedagogy of hope* (V. da Silva, trad.; pp. 127-137). Routledge. https://oquartodehooks.wordpress.com/2019/02/10/de-coracao-para-coracao-ensinando-com-amor/amp/?twitter_impression=true
- Hooks, B. (2019). *Olhares negros: raça e representação*. (S. Borges, trad.). Elefante.
- Machado, A. F. (2019a). *Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados*. (tese de doutorado). Universidade Federal do Ceará. Vide em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51976>
- Machado, A. F. (2019b). *Filosofia africana: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades*. Imprece.
- Machado, A. F. (2020). Filosofia africana desde saberes ancestrais femininos: bordando perspectivas de descolonização do ser-tão que há em nós. *Revista da ABPN*, 12(31), 27-47. Vide em: <https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/835/755>
- Machado, A. F. (2021). Por uma filosofia do ser-tão. *Cult – Revista Brasileira de Cultura*, 271, 24. 19-20.
- Machado, A. F. (2014). *Ancestralidade e encantamento: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira*. (dissertação de mestrado). Universidade Federal da Bahia. Vide em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16155>
- Machado, A. F. e Matos, P. P. de. (2016). Ancestralidade africana — um modo de ser, estar e cuidar: uma aprendiz e uma iniciada. Em R. A. T. da Silveira e M. C. Lopes (orgs.), *A religiosidade brasileira e a filosofia* (pp. 214-230). Editora Fi.
- Meijer, R. de A. e. (2012). *Valorização da cosmovisão africana na escola: narrativa de uma pesquisa-formação com professoras piauienses* (tese de doutorado). Universidade Federal do Ceará. Vide em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7620>
- Oliveira, E. D. de. (2007a). *Ancestralidade na encruzilhada*. Editora Gráfica Popular.
- Oliveira, E. D. de. (2007b). *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Editora Gráfica Popular.
- Pinto, M. V. (2017). *TSPM_Conexão Professora Valdina Pinto “MAKOTA”: ancestralidade*. <https://www.youtube.com/watch?v=N9l4diwjRbU>
- Santos, M. S. de A. (2010). *Meu tempo é agora*. Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.